

## *O SIGNIFICADO HUMANO DA SIMPATIA*

Rubens Muríllio Trevisan  
UNIMEP — SP

**Resumo:** Qual é o papel que a “simpatia” desempenha na vida de relação dos seres humanos? Ela intensifica a harmonia dos relacionamentos interpessoais, em seus vários níveis de profundidade. Propondo-nos uma análise histórica do seu conteúdo, enfatizamos as concepções de Max Scheler e de Henri Bergson. Concluímos que este sentimento de relação, base do amor, é imprescindível para uma vida mais humana e plena. A sua carência é uma das causas da violência que caracteriza o mundo atual.  
Palavras-chave: **Simpatia, Scheler, Bergson**

**Abstract:** What is the role that “sympathy” has in relation life of human beings? It intensifies harmony in interpersonal relationship, in its various levels of intensity. Proposing us a historic analysis of its contents, we enfatuate Max Scheler's and Henri Bergson's conceptions. We conclude that this feeling of relation, love's base, is essential to a more human and complete life. It's lacking is one of causes of violence that characterizes present world.

**Key words:** Sympathy, Scheler, Bergson

### *1. Introdução*

O termo “simpatia” é popularmente usado com o sentido de “atração instintiva que uma pessoa sente por outra, antes mesmo de tê-la bem conhecido”, ou ainda “afeição fundada sobre uma semelhança, sobre uma afinidade de inclinações, de emoções ou de idéias”. O vocábulo é também vulgarmente usado para indicar “benzimento para curar enfermidade”.

Etimologicamente, simpatia origina-se do termo grego “simpáteia”: “sim”= com, e “pathos” = paixão; afeição.

Neste trabalho propomo-nos avaliar a análise deste sentimento feita por alguns filósofos; o sentido de sua presença na natureza humana; decorrências para a vida da sociedade.

## **2. Aspecto histórico**

O primeiro filósofo que temos notícia ter usado o termo “simpatia” foi Aristóteles: “Certos pontos atinentes à amizade são matéria de controvérsia. Alguns a definem como uma espécie de afinidade (simpatia) e dizem que as pessoas semelhantes são amigas, donde os aforismas “igual com igual” e “cada ovelha com sua parrelha”<sup>1</sup>.

Para os filósofos da “Stoa” o mundo é concebido como um vasto organismo animado por uma força que chamavam de “alma do mundo”, de “razão” ou ainda de “pneuma” e que estabelece uma afinidade (simpatia) objetiva entre todas as coisas. A simpatia universal é, portanto, a íntima razão que domina o cosmos.

Ainda na antigüidade, mas já na era cristã, afirmavam os filósofos neoplatônicos que a “psiqué”, a alma do ser humano para atingir a suprema felicidade deveria ser levada e elevada ao “Nous”, ao “Logos”, isto é, à Inteligência da qual emana a Alma do Mundo.

Plotino indica três estádios da elevação da alma humana: a purificação, pela qual se desprende de tudo que é sensível e se une à Alma do Mundo. Corresponde este primeiro estádio à “práxis”, ou prática da virtude. O segundo estádio é o da “dialética”, pela qual se eleva à contemplação das idéias. Trata-se da fase do discurso e da contemplação (teoria) que culmina com a união com a Inteligência.

Finalmente, o terceiro estádio que é o da contemplação plena ou êxtase, pelo qual a alma perde o sentimento da própria individualidade para abismar-se na Unidade Suprema. O êxtase nada mais é do que a identificação da alma, pela simpatia, com a Inteligência e a Unidade Absoluta: “Na alma sábia os objetos conhecidos identificam-se com o sujeito que conhece, porque ela aspira à Inteligência. Na Inteligência, sujeito e objeto são uma coisa só”<sup>2</sup>.

Esta mesma simpatia, segundo o estoicismo, na dimensão horizontal, é a força que aproxima e une as pessoas entre si.

<sup>1</sup> *Ética a Nicômaco*, VIII, I, 1155 b.

<sup>2</sup> *Enéada*, III, 6.

A noção objetiva da “simpatia” é posteriormente retomada no naturalismo renascentista por Pico della Mirandola, na sua obra “Sobre a Dignidade Humana”, referindo-se ao “consenso universal, que os gregos chamavam de simpatia”.

Modernamente, o autor mais representativo da moral da simpatia é Adam Smith, no século XVIII. Simpatia é, a seu ver, inclinação natural e instintiva que nos leva a conformarmos com os sentimentos daqueles que nos cercam. A necessidade de simpatia, segundo Smith, é a primeira necessidade na existência humana, porque o ser humano é essencialmente sociável. Nada nos pesa mais que a solidão, a moral mais que a física; temos necessidade de companhia, de ver ao redor de nós rostos amigos; temos necessidade de sentir simpatia e de recebê-la. Para saber onde está o bem, temos somente que escutar a voz da simpatia. Bem é o que desperta simpatia; mal, o que desperta antipatia. Pode-se, portanto, formular a seguinte regra moral: “Procede de modo que despertes a maior simpatia do maior número”.

O sentimento de obrigação prende-se ao temor de se tornar antipático; a sanção está na alegria que se experimenta em ser simpático e o sofrimento, em ser antipático. Empenha-se Smith, em sua principal obra de Moral, procurando precisar o significado do conceito de “simpatia”: “Ainda que o termo simpatia tivesse, originariamente, o mesmo sentido de “piedade” e de “compaixão” pode-se agora empregá-lo para exprimir a faculdade de participação das paixões dos outros, sejam quais forem”<sup>3</sup>.

Outros filósofos do “século das luzes” preocuparam-se com este sentimento, que chamavam de “piedade”. Hume, por exemplo, considera de maneira puramente biológica a natureza desse sentimento, pois ele é “um arbitrário e original instinto enraizado em nossa natureza”<sup>4</sup>.

Para Rousseau, o fundamento do sentimento da piedade (pitié) é o processo da identificação. Ele é, ao mesmo tempo, natural e cultural, afetivo e racional, animal e humano, pois, trata-se de um instinto primitivo, “tão natural que as próprias bestas, às vezes, dão dele alguns sinais perceptíveis”<sup>5</sup>.

Este sentimento é importantíssimo para a existência humana, segundo Rousseau, pois tende a humanizar, no sentido em que faz o ser humano se preocupar não somente consigo mesmo, mas também com o seu semelhante; a agir não de maneira fria e racional em todas

---

<sup>3</sup> *Teoria dos Sentimentos Morais*, L. I. Cap. II.

<sup>4</sup> *Tratado da Natureza Humana*, L.II, 2ª parte, Seção IX.

<sup>5</sup> *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da desigualdade entre os Homens*, p. 259.

as circunstâncias, mas movido pela benevolência: “os homens jamais passariam de uns monstros se a natureza não lhes tivesse conferido a compaixão”<sup>6</sup>.

Resumindo: para Rousseau a piedade é um sentimento que brota da própria estrutura do ser humano e que, pela sua natureza, supõe a sua ordenação para uma vida socialmente dimensionada. Esta constatação abre-nos novas perspectivas para a interpretação da teoria rousseauniana do ser humano e da sociedade.

Fazendo uma ponte entre o pensamento moderno e o pensamento contemporâneo; entre a ciência e a filosofia, surge na história a figura de Spencer, cuja doutrina é uma curiosa mistura do positivismo e do evolucionismo biológico, onde se pode constatar um último eco da moral da simpatia. Procura Spencer a conciliação do egoísmo com o altruísmo e acredita tê-la encontrado no utilitarismo “racional”, que é diferente do utilitarismo “empírico” de Stuart Mill, enquanto admite a relatividade do equilíbrio entre indivíduo e ambiente, entre prazer e dor, entre a pessoa e a sociedade. Tal equilíbrio é assegurado pela pessoa e a sociedade. Tal equilíbrio é assegurado pela lei da evolução, a qual obedecem também as idéias morais.

O ser humano, conforme essa doutrina, evolui, necessariamente, no sentido de um altruísmo crescente. O bem é, portanto, a evolução moral que desenvolve o altruísmo, pois esta evolução aperfeiçoa a humanidade. O ideal para o qual se dirige o gênero humano é o ego-altruísmo. O ser humano será altruísta por egoísmo, visto que achará a própria felicidade em fazer a dos outros: “O altruísmo que deverá surgir no futuro, diz Spencer, não é um altruísmo que estará em conflito com o egoísmo, mas virá a coincidir com ele”<sup>7</sup>.

Esta teoria merece ser assinalada, por ser uma admirável amostra do otimismo liberal.

### ***3. A concepção de Scheler e a de Bergson***

Um dos pensadores mais importantes da filosofia moral contemporânea foi Max Scheler, que dedicou uma de suas obras exclusivamente para a análise e crítica do conceito de “simpatia” e cujo título é “Essência e Formas da Simpatia”. Entre os filósofos que

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 259.

<sup>7</sup> Princípios de Moralidade, Parte I.

receberam a influência de Husserl, Max Scheler ocupa lugar de destaque, graças a sua originalidade e a seus dotes especulativos, especialmente no campo da Ética.

“O pensador alemão mais fulgurante de seu tempo”<sup>8</sup>, segundo a opinião de Bochenski, teve, além da influência fundamental de Husserl, as influências de Santo Agostinho, de Nietzsche, de Dilthey e de Bergson. Existe, segundo Scheler, uma “ordem do coração”, uma “razão do coração” (Pascal) em sentido estrito. A partir deste ponto, ele desenvolveu a fenomenologia de Husserl de maneira peculiar e abriu-lhe novos horizontes. Designou esta doutrina “apriorismo emocional”.

“Esta formação estrutural, diz Scheler, não afeta somente o entendimento, o pensamento, a intuição, mas também, numa medida igual, as funções afetivas – aquilo que a voz popular chama de “coração”. Existe uma formação cultural do coração, da vontade, do caráter e, através desta, uma evidência do coração, “un ordre du coeur”, “une logique du coeur”, um tato e “un esprit de finesse” do sentimento e do juízo de valor”<sup>9</sup>.

Scheler reconhece na simpatia a relação afetiva originária entre as pessoas e o fundamento daquela certeza da existência de outros “eu” que é indissolivelmente conexa à existência do “eu”. A simpatia é pois, uma relação de transcendência, que implica a transcendência recíproca das pessoas e, assim, fundamenta ao mesmo tempo a sua autonomia e a sua possibilidade de acordo e de compreensão. A simpatia, segundo Max Scheler, não é, em outros termos, um estado, mas, uma função afetiva. Ela supõe e ao mesmo tempo fundamenta a diversidade entre as pessoas.

Na teoria de Scheler, existem leis que fundamentam a simpatia, que, em síntese, significa a participação mais ou menos voluntária na alegria ou na tristeza de outrem. Estas leis são as seguintes: primeira, a unificação afetiva é fundamento do sentir o mesmo que outro; segunda, o sentir o mesmo que outro é fundamento da simpatia; terceira, a simpatia é fundamento do amor ao ser humano e, finalmente, o amor ao ser humano é fundamento do amor à pessoa e a Deus. Scheler denomina esta última forma de amor de “acosmístico”<sup>10</sup>.

O amor não se identifica com a simpatia. Valendo-se de minuciosa análise, mostra Scheler que o amor genuíno é sempre amor de uma pessoa, não de um valor enquanto tal; chega ao extremo de afirmar que não se pode amar o bem. O amor endereça-se à pessoa como

---

<sup>8</sup> *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, p. 140.

<sup>9</sup> *Visão Filosófica do Mundo*, p. 47.

<sup>10</sup> Cf. *Essência e Formas da Simpatia*, p. 127/136.

realidade, através do valor que possui; a soma dos valores de uma pessoa amada não pode nem de longe coincidir com o nosso amor a ela. Subsiste sempre um “insondável mais”. Este “mais”, à pessoa concreta do ente amado, é o verdadeiro objeto do amor: “não se ama um valor, senão, sempre algo que é valioso”<sup>11</sup>.

O amor é um movimento no qual cada objeto individual concreto, portador de valores, chega ao valor mais elevado possível, segundo sua determinação ideal. Visa ele elevar a pessoa amada e eleva também o amante.

O ponto culminante do amor é o amor de Deus e o amor do mundo em Deus (*amare mundum in Deo*). Deus aparece, assim, na concepção Scheleriana, como centro supremo do Amor.

À semelhança de Bergson, nas “Duas Fontes da Moral e da Religião”, Scheler coloca o amor como coroamento de todo processo de humanização: “A fonte deste processo é no ser humano o amor ao mundo – não um amor platônico no sentido comum da palavra, mas o amor do verdadeiro Platão, num anseio nunca suficientemente satisfeito da mais íntima união e simpatia com as essências cósmicas de toda espécie, amor que deu para sempre à filosofia o seu nome de amor ao essencial”<sup>12</sup>.

Em uma de suas obras fundamentais, *A Evolução Criadora*, Henri Bergson, expondo o seu pensamento a respeito da relação existente entre o instinto, a inteligência e a intuição, discorre sobre a natureza e significado da “simpatia”.

No domínio da arte em que se comunicam sentimentos e emoções, o papel da simpatia é relevante. Para compreender uma obra literária ou filosófica, precisamos, através das palavras e frases, colocarnos na situação do próprio autor; adotar o seu modo de ver e de sentir; partilhar da sua atitude psicológica. Só assim podemos reviver a intuição original que ele viveu e tratou de divulgar ao longo da sua obra: “Quando um poeta me lê os seus versos, posso interessar-me por ele o suficiente para penetrar no seu pensamento, para me inserir nos seus sentimentos e reviver o estado simples que ele dispersou em frases e em palavras. Simpatizo então com a sua inspiração”<sup>13</sup>.

O mesmo podemos dizer sobre a música. O segredo da impressão que sobre nós exerce a música, graças à combinação dos sons e dos ritmos, como uma espécie de magnetismo, dispondonos desta forma a partilhar mais intensamente da emoção do artista, a simpatizar com ele.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 203.

<sup>12</sup> *Visão Filosófica do Mundo*, p. 26.

<sup>13</sup> *A Evolução Criadora*, p. 214-215.

A simpatia suprime distâncias. Entre amigos opera-se a fusão do pensamento e dos ideais e, se bem os dois amigos permaneçam distintos, o afeto faz deles um só coração. Simpatizar é ser algo do outro, É pois um sentimento que se desenvolve na direção da unidade, da identificação.

O instinto, base da intuição, é uma forma de simpatia. Dois seres estão em jogo: um agente e um paciente. O primeiro exerce a sua atividade sobre o outro não por qualquer mecanismo miraculoso, nem por ter adquirido algum conhecimento prévio de ordem abstrata. O esfege (espécie de himenóptero) não estudou entomologia, mas, em virtude de uma força especial que apresenta todos os caracteres da simpatia, procede como se o organismo em que opera fosse prolongamento do seu próprio organismo. Conhece-o de dentro, como se conhecesse a própria mão ou o próprio braço; age como uma parte do corpo atuando sobre as demais: “Temos a mesma impressão perante o instinto paralisador de certas vespas. Como é sabido, as diversas espécies de himenópteros paralisadores depõem os ovos em aranhas, em escaravelhos, em lagartas, que continuarão a viver imóveis durante certo número de dias e que servirão, portanto, de alimento fresco às larvas, tendo sido previamente submetidos pela vespa a uma sábia operação cirúrgica. Na injeção que dão nos centros nervosos da vítima, para a imobilizar sem a matar, estas diversas espécies de himenópteros procedem diferentemente, segundo a espécie de presa. Há entre o esfege e a sua vítima uma simpatia (no sentido etimológico da palavra)”<sup>14</sup>.

Há um conhecimento implícito em todo ato do instinto. As diferenças entre instinto e inteligência parecem mesmo a favor do primeiro. Ao passo que o entomologista conhece o inseto de fora, à luz de suas observações externas e de sua inteligência abstrata, o esfege, por exemplo, conhece a lagarta por dentro, por uma espécie de simpatia que prolonga a sua própria organização para um ponto particular do organismo do outro: “O instinto é simpatia (...) a inteligência e o instinto acham-se voltados em dois sentimentos opostos, aquela para a matéria inerte, este para vida”<sup>15</sup>.

Bergson afirma que a intuição deve ser procurada na “zona do instinto”, pois que o instinto é de caráter intuitivo. “É ao próprio interior da vida que nos conduziria a intuição, isto é, o instinto tornado desinteressado, consciente de si próprio, capaz de refletir sobre o seu objeto e de o alargar indefinidamente”<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 183/184.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 186/187.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 187.

Segundo Bergson, por conseguinte, tanto na dimensão biológica, instintiva, como na dimensão psicológica, intelectual, emocional e intuitiva, a simpatia aparece como elemento que fundamenta o processo de identificação ou de unificação entre dois seres distintos.

## **4. Conclusão**

A reflexão sobre o significado da simpatia leva-nos a conclusões de importância fundamental para existência do ser humano e para sociedade como um todo. O seu enraizamento nas profundezas da natureza humana proporciona-nos uma visão otimista a respeito do destino da humanidade, na medida em que ela encontre ambiente propício para desabrochar e se desenvolver convenientemente.

Nesta perspectiva podemos compreender o pressuposto filosófico enunciado na abertura da clássica obra de Educação escrita por Jean-Jacques Rousseau: “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor da coisas”<sup>17</sup>.

A natureza adormou-nos com o sentimento da simpatia para que pudéssemos viver harmoniosamente no universo dos inter-relacionamentos pessoais. O ser humano realiza-se como pessoa, quando vive em consonância consigo mesmo, com os seus semelhantes, com a natureza e com Deus.

Assim como a simpatia é fundamento do amor, a antipatia é fundamento do ódio que gera a discórdia, o rancor, a agressividade, a violência, numa palavra, o desamor. O desafio mais grave que hoje se coloca à humanidade é o de encontrar ou de criar alternativas que viabilizem o desabrochar do sentimento da simpatia, em oposição ao da antipatia, que tende a destruir todos os valores da pessoa humana, colocando em risco a sobrevivência da própria vida.

Como sentimento de conexão, a simpatia não representa um fim em si, mas prepara, aponta para uma realidade transcendente que é o amor e que se manifesta através da fraternidade, da solidariedade, da responsabilidade e da doação desinteressada.

A simpatia deve desenvolver-se em todas as áreas do saber e da atividade do ser humano: da ciência, da arte, da filosofia. Sem o

---

<sup>17</sup> *Emílio*, Livro Primeiro, p. 9.

sentimento da simpatia à natureza, por exemplo, o problema da Ecologia continuará insolúvel e progredirá à mercê da faina depredadora daqueles que absolutizam a exploração e o lucro.

Os confrontos físicos homicidas prosseguirão em nossos estádios enquanto não se desenvolver uma simpatia generalizada que o esporte propicia, mesmo em uma situação de sadia competitividade.

O genocídio, tão freqüente em nossos dias, que leva povos inteiros à extinção pela guerra, à inanição e à miséria extrema, é outro exemplo de desamor que se fundamenta na falta de simpatia, não à humanidade em geral, mas à pessoa concreta, que é portadora de direitos inalienáveis, que brotam da sua dignidade humana.

Toda esta realidade é um apelo à ação pedagógica criativa para que viabilize ambiente e situações, especialmente entre as crianças e os jovens, a fim de que a simpatia, que é um sentimento de relação, possa se estabelecer e se desenvolver em todos os setores e instituições da sociedade, propiciando assim o aparecimento de uma nova civilização, cuja finalidade é a vivência em profundidade do amor em seus vários níveis e dimensões.

## ***Referências Bibliográficas***

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, São Paulo, Abril Cultural, 1973, Col. Os Pensadores, vol. IV.

BERGSON, Henri, *A Evolução Criadora*, tradução de Adolfo Casais Monteiro, Rio de Janeiro, Delta, 1964.

BOCHENSKI, I. M., *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, São Paulo, E.P.U./EDUSP, 1975.

HUME, David. *Traité de la Nature Humaine*, 2 vol., Paris, Aubier-Editions Montaigne, 1973.

PLOTIN, *Enneades*, Paris, Presses-Pocket, 1991.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, São Paulo, Abril Cultural, 1973, Col. Os Pensadores, vol., XXIV.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Emílio - ou da Educação*, trad. de Sérgio Milliet, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.

SCHELER, Max, *Visão Filosófica do Mundo*, São Paulo, Perspectiva, 1986.

SCHELER, Max., *Essencia y Formas de la Simpatia*, Buenos Aires, Losada, 1957.

SMITH, Adam., *Teoria dos Sentimentos Morais*, Lisboa, Editorial Presença Ltda, 1970.

SPENCER, Herbert, *Princípios de Moralidade*, 1893. Cf. ABBAGNANO N., *Storia della Filosofia*, Vol, 2º, Parte II, Torino, Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1954, p. 304.

Endereço do Autor:  
Rua José Emigídio de Arruda Mendes, 71  
13520-000 São Pedro — SP